



ANO I/N.º 50  
De 9 a 15 de Abril de 1976  
Preço 7\$50

Semanário  
Sai às sextas-feiras

Director  
Joaquim Letria

# O jornal

## A reportagem que deu escândalo

# Como foi desvendado o segredo de Spínola

### Visados reagem

Ao publicar a reportagem da «Stern» sobre o MDLP e a ida à Alemanha de António de Spínola que originou a sua expulsão da Suíça, «O Jornal» mais não pretende do que fornecer aos seus leitores todos os elementos daquilo que se transformou num escândalo político internacional em que toda a gente fala. Para uns, o texto será uma versão romaneada; para outros, um conjunto de provas irrefutáveis. O julgamento compete ao leitor. Entretanto, e como mandam as regras mais elementares da deontologia profissional, contactámos os principais visados e aqueles que nos foi possível. Eis a reacção dos principais visados:

**General Ramalho Eanes** — Contactado por um redactor de «O Jornal», considerou a reportagem um documento forjado, sem bases para poder resistir à menor análise crítica, nomeadamente de um ponto de vista militar. Entende que esta reportagem só beneficia aqueles que pretendem criar perturbações no seio das Forças Armadas e fomentar a agitação no interior do País, num momento tão importante como este eleitoral, que vivemos. O documento, na opinião do CEME, só pode servir o jogo daqueles que não acreditam, ou não desejam, um projecto democrático para Portugal.

**Brigadeiro Pires Veloso** — «Repudió inteiramente qualquer insinuação que pretenda referir qualquer atitude que seja contrária aos princípios da Democracia».

**General Morais da Silva** — Por se encontrar ausente no estrangeiro, não nos foi possível ouvir o CEMFA.

O texto que publicamos é passível de diversas interpretações, as quais, de resto, têm sido feitas num sentido ou noutro, pela Imprensa, baseadas em transcrições parciais e, em alguns casos, retiradas do seu contexto. Portanto, ao publicá-lo na íntegra, pensamos estar a fornecer ao leitor os dados que o habilitem a um juízo correcto.

(Mais reacções, pág. 18)



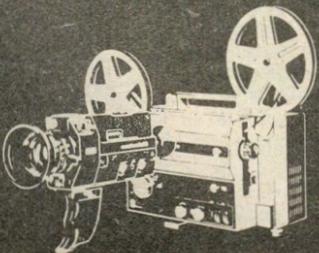
Exclusivo  
Texto integral  
stern  
o jornal

Foto Herbert Peterhagen/STERN

Spínola foi à Alemanha atrás de armas (na foto) e o Governo da Suíça decidiu expulsá-lo

eumig®

PROJECTORES DE CINEMA



MÁQUINAS DE FILMAR

BELTRÃO COELHO, LDA  
Lisboa - Porto

# Spínola: o exílio de um conspirador

No domingo a seguir à Páscoa, a 25 de Abril, aniversário da Revolução, vai Portugal eleger, pela primeira vez, desde há 50 anos, uma Assembleia livre. Favoritos são evidentemente, os partidos conservadores. Após a sua vitória eleitoral, uma conspiração de extrema-direita tenciona liquidar tanto comunistas como socialistas. Chefe: o ex-Presidente da República e ex-general português Spínola. Os seus planos terroristas foram descobertos pelo jornalista alemão Guenther Wallraff, que, no Norte de Portugal, se encontrou, por acaso, na pista dos conspiradores. A última prova foi fornecida pelo próprio Spínola, numa viagem secreta a Dusseldorf

Os conspiradores estavam sentados no «Salão do Reno» do elegante restaurante «Schnellenburg», em Dusseldorf e deliciavam-se com «champagne» e carne de veado assada. «Extraordinariamente suculento», elogiava o homem elegante de fronteiras grisalhas, que fora apresentado como sendo «General Walter».

Foi, então, direito ao assunto. «Por certo se alegram por saber» — anunciou, por meio de intérprete, ao grupo de sete pessoas reunidas à mesa — «que dispomos de mais cem mil homens, numa rede bem organizada. Não são nenhuns iniciados. O nosso principal inimigo é o Partido Comunista e só nós os combatemos ofensivamente. A função do nosso movimento, no campo militar, é a aniquilação das «Brigadas Internacionais».

«Fisicamente?» — interrogou um dos alemães presentes.

«Sim», disse o general.

O general com pseudónimo alemão não era senão o general português de cinco estrelas na reforma e ex-Presidente da República, António de Spínola, de 66 anos de idade. O movimento para o qual pediu auxílio em Dusseldorf, a 25 de Março deste ano, é o «Movimento Democrático de Libertação de Portugal» (MDLP), a mais forte organização clandestina da extrema-direita portuguesa. O seu objectivo é derrubar, pela força,

o Governo de Lisboa, formado por militares semiesquerdistas e políticos partidários liberais-socialistas.

O golpe está «preparado para Maio, o mais tardar Junho» — segundo revelam aos presentes em Dusseldorf os ajudantes de Spínola, «José» e «Luís». Para o êxito ser garantido, porém, os conspiradores necessitam, ainda, de ajuda financeira e militar — 5000 armas, 1000 metralhadoras, para cima de 11 milhões de balas, 10 000 granadas de mão e 350 morteiros (ver lista em quadro anexo) entre outras coisas, assim como cerca de onze milhões de marcos, para pagamento da tropa terrorista.

Spínola voou para o Reno do seu exílio em Genebra, a fim de orientar pessoalmente esta transacção de armas e dinheiro. Julga encontrar-se num círculo de «correligionários» alemães que financiarão o seu projecto.

Na realidade, Spínola encontra-se diante do jornalista de Colónia Guenther Wallraff, de 33 anos (pseudónimo «Hans»), e dos seus amigos, filóloga dra. Hella Schlumberger, um empregado de uma editora e o advogado, dr. Georg Meinecke, presidente do «Movimento Mundial dos Direitos do Homem».

Durante uma estadia de três meses em Portugal, Wallraff pôs-se casualmente na pista de conspiradores de extrema-direi-

ta, ouvindo, assim, pela primeira vez, falar dos planos golpistas. A fim de investigar estes planos, Wallraff meteu-se no papel de representante de círculos da alta finança ultradireitista da República Federal Alemã.

A forma como conseguiu subir ao cimo da hierarquia terrorista portuguesa e, para seu grande espanto, chegar à presença do respectivo dirigente, o ex-general Spínola, que tranquilamente lhe desvendou os planos da conspiração, é descrita por Guenther Wallraff nos seguintes termos:

«Eliminação das células vermelhas»

Na realidade, estava apenas planeada uma pequena saltada ao norte. Vivi três meses numa cooperativa do sul do Alentejo, onde os trabalhadores assalariados rurais ocuparam dois terços da terra, administrando agora o que é seu, em mais de 500 cooperativas legalizadas pelo Governo.

O Norte de Portugal é completamente diferente: aí nunca houve a pobreza cruel do Alentejo, mas sim uma grande camada de pequenos e muito pequenos agricultores e arrendatários. Sentem-se proprietários do seu próprio torrão, são devotos e conservadores. No Norte, a Igreja tem grande influência sobre a população. A maioria pouco mais sabe do que escrever o nome. Excluindo o liberal e antifascista bispo do Porto, que teve de emigrar, no tempo de Salazar, e que saudou a Revolução de 25 de Abril dentro do espírito da doutrina cristã, a restante hierarquia do clero assume posições mais do que conservadoras.

Em Braga, antiga e tradicional cidade episcopal, reside o bispo português com a mais alta dignidade, o arcebispo primaz D. Francisco Maria da Silva. A sua diocese é a mais rica do País, tanto no que diz respeito a propriedades agrícolas como ao número de padres. Este bispo dirige tantos padres como todas as dioceses do Norte, em conjunto. Os jornais da região são sua propriedade, assim como as tipografias e editoras, e tem acções em empresas industriais.

Dos púlpitos da sua arquidiocese, apela-se, desde 25 de Abril de 1974, para o combate à esquerda. Dai se exige inquisitorialmente a «eliminação das células vermelhas». A explicação para tal foi encontrada no momento em que as brigadas de esclarecimento dos soldados revolucionários depararam com os habitantes das afastadas aldeias da província de Trás-os-Montes, onde não há electri-



Dusseldorf, 25 de Março de 1976. Às 13 e 15: Spínola apia-se de um automóvel, à porta do Restaurante Schnellenburg Chapéu, cachecol e óculos escuros para disfarçar o chefe do MDLP numa «saltada» da Suíça à Alemanha

cidade nem rádio. Nos sermões, dizia-se: «Os comunistas querem tirar-nos os filhos, para os enfiarem em escolas do partido». Por este motivo, as crianças foram escondidas nos montes.

Querida ir a Braga. Esta cidade pacífica, rodeada de colinas, tem 40 000 habitantes. Nesta província, vivem 617 000 pessoas, quase 10 por cento da população portuguesa.

A excepção de três carros queimados, que ainda não foram retirados, e do edifício de dois andares, sede do Partido Comunista, igualmente destruído pelo fogo, nada, nesta cidade episcopal — talvez comparável a Passau ou a Regensburg —, faz pensar em violência ou terror.

«Não, porquê?»

Perguntou à minha colega, Hella Schlumberger, se éramos turistas e disse chamar-se Eduardo. «Não estamos aqui para nos divertirmos», disse eu, significativamente, e coloquei a mão na pasta preta dos documentos.

Eduardo da Costa Pereira, de 26 anos de idade, pequeno, desportivo, com um rosto de linhas infantis e imponentes, tornou-se logo confiante, quando me ouviu dizer que era encarregado de uma organização da direita.

Mostrou o interior do seu sacaco — e, claro, o distintivo do CDS. «Porque é que o traz tão escondido, quando o CDS, aqui, é o partido mais forte?»

Até aqui, e por agora, não há qualquer novidade. Um res-

Dusseldorf, 25. März 1976, 13.15 Uhr: Getarnt mit Sonnenbrille, den Hut ins Gesicht gedrückt und mit einem Schal verummt, steigt der geheimnisvolle Chef der portugiesischen Verschwörer, avisiert als «General Walter», vor dem Lokal «Schnellenburg» aus einem Wagen. Er will am Rhein deutsche Gesinnungsgenossen treffen, die ihm unter anderem 5000 Gewehre, elf Millionen Schuß Munition und elf Millionen Mark für den geplanten Putsch in Portugal besorgen sollen...

Foto: Herbert Pohlenstein

«Quantos são vocês, em Braga?» Eduardo: «700 a 800».

Um indivíduo de 30 anos, bem vestido, muda-se do outro extremo do balcão para perto de Eduardo:

«Sempre», cumprimentando-se com o braço direito levantado de maneira discreta.

«Sempre» («sempre», no sentido de «a todo o tempo preparados para a resistência») é o cumprimento de guerra do MDLP, desde o 25 de Abril.

Eduardo deita no copo do companheiro o seu terceiro «whisky», que eu tinha encomendado.

«Num trabalho como o nosso, não se deve beber muito». O recém-chegado olha um pouco desconfiado para o nosso lado e pergunta: «Trabalham lá ou estão de férias?»

«Estamos a instalá-los, se assim quiser» — respondo e coloco a minha pasta de documentos perto de mim, no balcão.

Eduardo continua, explicando devagar: «O principal é ser uma organização altamente secreta. Como no MDLP estão todos nos quadros, eu conheço para cima de 20 homens do comité.»

«De onde recebeu o armamento?»

Eduardo: «Antigamente através do EI P, recebíamos, armas automáticas americanas. O MDLP consegue-as através de bons contactos nos Comandos e nas Forças Armadas.»

«Onde estão agora? No Norte ou no Sul?»

Eduardo: «Isso não sei, tenho que perguntar primeiro ao chefe. Não posso fazer nada sem o chefe.»

«Então, seria melhor que tivéssemos contacto com o Chefe», digo eu. «Não temos assim tanto tempo e precisamos de saber do que é que precisamos.»

Eduardo liga para obter contacto. «Eu apresento-o, em princípio, a um homem importante dos para-quedistas de Braga, que se encontra, na maior das vezes na Póvoa do Varzim e que tem contactos com a central.»

Percorre, veloz no seu «Volvo», os 40 quilómetros até à Póvoa. Eu gito atrás dele e esforço-me para não me perder, até pararmos num restaurante à beira-mar. E o «Pelintra», na marginal da praia. O proprietário chama-se Luis e pertence aos quadros médios do MDLP. O local está cheio. «São todos amigos», afirma. O proprietário convida-nos para uma bebida.

Teixeira aparece. E o oficial dos para-quedistas. Um tipo de soldado aventureiro, na casa dos 30 anos, bastante expressivo e ingénio. Isto talvez porque aqui, no Norte, se movimentam sem obstáculos, abertamente.

É preciso ir a Guimarães, a cerca de 60 quilómetros da Póvoa. Entramos no carro de desporto de Eduardo. Teixeira segue no seu próprio automóvel, atrás de nós. Então, começo a sentir medo. Que se passará, no caso de me reconhecerem? Uma semana mais, apareceram

ram nos jornais portugueses, entrevistas minhas, com fotografias. Uma das vezes fui filmado pela televisão durante uma conferência de Imprensa do «Comité de Solidariedade para com Portugal».

Tudo isto me parece uma armadilha. Em qualquer lugar, podem atirar-nos para fora do carro e matar-nos.

Finalmente uma placa de sinalização. Penha, algumas lojas, uma vila isolada no meio dos montes.

O proprietário do restaurante é um adepto do MDLP. O ambiente é familiar. Mulheres e crianças. Há vários pratos e vinhos variados, e convidam-nos. Segue-se a apresentação com os nomes próprios. Eduardo apresenta-nos como amigos que chegaram da Alemanha, para ajudar. A televisão está ligada num tom alto, mas ninguém presta atenção.

Depois do jantar, peço a Teixeira para continuarmos a conversa num quarto contíguo, mais sossegado.

O dono da casa acompanha-nos a um escritório mais pequeno. Conversamos numa mistura de inglês e português.

Teixeira: «Temos cerca de 50 000 elementos activos em Portugal inteiro. A nossa gente trabalha mesmo que não seja paga. Todas as explosões dos últimos três meses foram provocadas pela nossa organização.»

«De que precisa, para já, o MDLP, dinheiro ou armas?»

Teixeira: «As duas coisas, mas os menores serão discutidos, amanhã, com responsáveis, na Póvoa.»

«E como é que se vai continuar?»

«Agora, há um bom clima, aqui, no Norte, pois os comunistas estão assustados. Assim terá de ser também no Sul. Mas, lá, ainda há muitos. Aqui, ainda os podemos expulsar, mas no Sul queremos exterminá-los. Estamos fartos de pôr bombas. Chegou a altura: Agora queremos matar. Não se resolve nada com bombas, temos que as liquidar! Compreende?»

«Quando começarão as operações no Sul?»

Teixeira: «Tem de perguntar ao Chefe.»

«O arcebispo também vos apoia financeiramente?»

Teixeira: «Sim através do seu delegado, o cônego Melo. Temos relações directas. D. Francisco, o arcebispo, combina tudo com ele. E ele fornece-nos o dinheiro.»

«Qual acham mais importante: o Arcebispo ou o cônego Melo?»

Teixeira: «Melo. Em Braga, só Melo. E de certeza um dos homens mais importantes para

Portugal. O arcebispo não decidiu nada sem ele.»

Dois dias mais tarde. Encontro com o chefe do MDLP do Norte, em casa de Teixeira, numa casa nova, na Póvoa do Varzim. Rua Casa dos Poveiros do Rio, 657.

Um dos mais importantes elementos dos Comandos (chama-se Duarte, como se apuro mais tarde), é o conspirador. A princípio desconfiado e cuidadoso. No decorrer da conversa vem à baila que os chefes do MDLP planeiam, através dum grande e estudado golpe, logo após as eleições, em Maio ou em Junho, tornar Portugal numa ditadura da direita. Para isso, terão de ser liquidados os activistas da esquerda.

O «whisky» é oferecido em abundância, e a animação para a bebida aumenta. Depois deste encontro, estou totalmente arrombado — o fingimento e a tensão nervosa constantes. O ter que participar em risos alegres, sempre que se fazia um brinde à «liquidação» dos inimigos «políticos», pós-me de rastos.

Na tarde seguinte, dá-se um novo encontro, no mesmo local, o bar do «Ver-o-mar». Entretanto, tinham estabelecido contacto com a central em Madrid. E lá que se encontra o comandante Alpoim Calvão, representante directo do «general Walter».

Duarte: «Até que ponto pode a sua organização comprometer-se?»

Respondo: «Isto só depende do que ainda for necessário e daquilo de que posso dispor.»

Duarte: «Muitos dos nossos companheiros estão em pé de guerra, outros mantêm-se ainda nos seus empregos, mas prontos a ser chamados, no primeiro momento. Planeamos na primeira fase, armar 10 mil homens e nomeadamente homens com experiência de guerra, qualificados e dos quais muitos são ex-oficiais e ex-membros do Estado-Maior, mas ainda outros que estão no activo.»

«Quando começarão as operações no Sul?»

Teixeira: «Tem de perguntar ao Chefe.»

«O arcebispo também vos apoia financeiramente?»

Teixeira: «Sim através do seu delegado, o cônego Melo. Temos relações directas. D. Francisco, o arcebispo, combina tudo com ele. E ele fornece-nos o dinheiro.»

«Qual acham mais importante: o Arcebispo ou o cônego Melo?»

Teixeira: «Melo. Em Braga, só Melo. E de certeza um dos homens mais importantes para

Portugal. O arcebispo não decidiu nada sem ele.»

Dois dias mais tarde. Encontro com o chefe do MDLP do Norte, em casa de Teixeira, numa casa nova, na Póvoa do Varzim. Rua Casa dos Poveiros do Rio, 657.

Um dos mais importantes elementos dos Comandos (chama-se Duarte, como se apuro mais tarde), é o conspirador. A princípio desconfiado e cuidadoso. No decorrer da conversa vem à baila que os chefes do MDLP planeiam, através dum grande e estudado golpe, logo após as eleições, em Maio ou em Junho, tornar Portugal numa ditadura da direita. Para isso, terão de ser liquidados os activistas da esquerda.

O «whisky» é oferecido em abundância, e a animação para a bebida aumenta. Depois deste encontro, estou totalmente arrombado — o fingimento e a tensão nervosa constantes. O ter que participar em risos alegres, sempre que se fazia um brinde à «liquidação» dos inimigos «políticos», pós-me de rastos.

Na tarde seguinte, dá-se um novo encontro, no mesmo local, o bar do «Ver-o-mar». Entretanto, tinham estabelecido contacto com a central em Madrid. E lá que se encontra o comandante Alpoim Calvão, representante directo do «general Walter».

Duarte: «Até que ponto pode a sua organização comprometer-se?»

Respondo: «Isto só depende do que ainda for necessário e daquilo de que posso dispor.»

Duarte: «Muitos dos nossos companheiros estão em pé de guerra, outros mantêm-se ainda nos seus empregos, mas prontos a ser chamados, no primeiro momento. Planeamos na primeira fase, armar 10 mil homens e nomeadamente homens com experiência de guerra, qualificados e dos quais muitos são ex-oficiais e ex-membros do Estado-Maior, mas ainda outros que estão no activo.»

«Quando começarão as operações no Sul?»

Teixeira: «Tem de perguntar ao Chefe.»

«O arcebispo também vos apoia financeiramente?»

Teixeira: «Sim através do seu delegado, o cônego Melo. Temos relações directas. D. Francisco, o arcebispo, combina tudo com ele. E ele fornece-nos o dinheiro.»

«Qual acham mais importante: o Arcebispo ou o cônego Melo?»

Teixeira: «Melo. Em Braga, só Melo. E de certeza um dos homens mais importantes para

Portugal. O arcebispo não decidiu nada sem ele.»

Dois dias mais tarde. Encontro com o chefe do MDLP do Norte, em casa de Teixeira, numa casa nova, na Póvoa do Varzim. Rua Casa dos Poveiros do Rio, 657.

Um dos mais importantes elementos dos Comandos (chama-se Duarte, como se apuro mais tarde), é o conspirador. A princípio desconfiado e cuidadoso. No decorrer da conversa vem à baila que os chefes do MDLP planeiam, através dum grande e estudado golpe, logo após as eleições, em Maio ou em Junho, tornar Portugal numa ditadura da direita. Para isso, terão de ser liquidados os activistas da esquerda.

O «whisky» é oferecido em abundância, e a animação para a bebida aumenta. Depois deste encontro, estou totalmente arrombado — o fingimento e a tensão nervosa constantes. O ter que participar em risos alegres, sempre que se fazia um brinde à «liquidação» dos inimigos «políticos», pós-me de rastos.

Na tarde seguinte, dá-se um novo encontro, no mesmo local, o bar do «Ver-o-mar». Entretanto, tinham estabelecido contacto com a central em Madrid. E lá que se encontra o comandante Alpoim Calvão, representante directo do «general Walter».

Duarte: «Até que ponto pode a sua organização comprometer-se?»

Respondo: «Isto só depende do que ainda for necessário e daquilo de que posso dispor.»

Duarte: «Muitos dos nossos companheiros estão em pé de guerra, outros mantêm-se ainda nos seus empregos, mas prontos a ser chamados, no primeiro momento. Planeamos na primeira fase, armar 10 mil homens e nomeadamente homens com experiência de guerra, qualificados e dos quais muitos são ex-oficiais e ex-membros do Estado-Maior, mas ainda outros que estão no activo.»

dções, fornecer ajuda internacional».

«Sempre»

Desde então, Eduardo não deixou de falar.

«Aqui, no Norte, a maioria das pessoas ricas e influentes estão do nosso lado. Conheço pessoalmente muitas pessoas altamente colocadas oficialmente que nunca se deixam mostrar comigo. Isto acontece por exemplo, com pessoas do CDS.

Eles só pagam, mas em segredo, e há gente de negócios conhecida, como o dr. Nicolau, que me paga o soldo, a mim e aos outros. O Governo não deve saber de nada.

Galvão de Melo (candidato do CDS a presidente) e Freitas do Amaral (representante do CDS) apoiam-nos permanentemente.

«Quantos são vocês, em Braga?» Eduardo: «700 a 800».

Um indivíduo de 30 anos, bem vestido, muda-se do outro extremo do balcão para perto de Eduardo:

«Sempre», cumprimentando-se com o braço direito levantado de maneira discreta.

«Sempre» («sempre», no sentido de «a todo o tempo preparados para a resistência») é o cumprimento de guerra do MDLP, desde o 25 de Abril.

Eduardo deita no copo do companheiro o seu terceiro «whisky», que eu tinha encomendado.

«Num trabalho como o nosso, não se deve beber muito». O recém-chegado olha um pouco desconfiado para o nosso lado e pergunta: «Trabalham lá ou estão de férias?»

«Estamos a instalá-los, se assim quiser» — respondo e coloco a minha pasta de documentos perto de mim, no balcão.

Eduardo continua, explicando devagar: «O principal é ser uma organização altamente secreta. Como no MDLP estão todos nos quadros, eu conheço para cima de 20 homens do comité.»

«De onde recebeu o armamento?»

Eduardo: «Antigamente através do EI P, recebíamos, armas automáticas americanas. O MDLP consegue-as através de bons contactos nos Comandos e nas Forças Armadas.»

«Onde estão agora? No Norte ou no Sul?»

Eduardo: «Isso não sei, tenho que perguntar primeiro ao chefe. Não posso fazer nada sem o chefe.»

«Então, seria melhor que tivéssemos contacto com o Chefe», digo eu. «Não temos assim tanto tempo e precisamos de saber do que é que precisamos.»

Eduardo liga para obter contacto. «Eu apresento-o, em princípio, a um homem importante dos para-quedistas de Braga, que se encontra, na maior das vezes na Póvoa do Varzim e que tem contactos com a central.»

Percorre, veloz no seu «Volvo», os 40 quilómetros até à Póvoa. Eu gito atrás dele e esforço-me para não me perder, até pararmos num restaurante à beira-mar. E o «Pelintra», na marginal da praia. O proprietário chama-se Luis e pertence aos quadros médios do MDLP. O local está cheio. «São todos amigos», afirma. O proprietário convida-nos para uma bebida.

Teixeira aparece. E o oficial dos para-quedistas. Um tipo de soldado aventureiro, na casa dos 30 anos, bastante expressivo e ingénio. Isto talvez porque aqui, no Norte, se movimentam sem obstáculos, abertamente.

É preciso ir a Guimarães, a cerca de 60 quilómetros da Póvoa. Entramos no carro de desporto de Eduardo. Teixeira segue no seu próprio automóvel, atrás de nós. Então, começo a sentir medo. Que se passará, no caso de me reconhecerem? Uma semana mais, apareceram

ram nos jornais portugueses, entrevistas minhas, com fotografias. Uma das vezes fui filmado pela televisão durante uma conferência de Imprensa do «Comité de Solidariedade para com Portugal».

Tudo isto me parece uma armadilha. Em qualquer lugar, podem atirar-nos para fora do carro e matar-nos.

Finalmente uma placa de sinalização. Penha, algumas lojas, uma vila isolada no meio dos montes.

O proprietário do restaurante é um adepto do MDLP. O ambiente é familiar. Mulheres e crianças. Há vários pratos e vinhos variados, e convidam-nos. Segue-se a apresentação com os nomes próprios. Eduardo apresenta-nos como amigos que chegaram da Alemanha, para ajudar. A televisão está ligada num tom alto, mas ninguém presta atenção.

Depois do jantar, peço a Teixeira para continuarmos a conversa num quarto contíguo, mais sossegado.

O dono da casa acompanha-nos a um escritório mais pequeno. Conversamos numa mistura de inglês e português.

Teixeira: «Temos cerca de 50 000 elementos activos em Portugal inteiro. A nossa gente trabalha mesmo que não seja paga. Todas as explosões dos últimos três meses foram provocadas pela nossa organização.»

«De que precisa, para já, o MDLP, dinheiro ou armas?»

Teixeira: «As duas coisas, mas os menores serão discutidos, amanhã, com responsáveis, na Póvoa.»

«E como é que se vai continuar?»

«Agora, há um bom clima, aqui, no Norte, pois os comunistas estão assustados. Assim terá de ser também no Sul. Mas, lá, ainda há muitos. Aqui, ainda os podemos expulsar, mas no Sul queremos exterminá-los. Estamos fartos de pôr bombas. Chegou a altura: Agora queremos matar. Não se resolve nada com bombas, temos que as liquidar! Compreende?»

«Quando começarão as operações no Sul?»

Teixeira: «Tem de perguntar ao Chefe.»

«O arcebispo também vos apoia financeiramente?»

Teixeira: «Sim através do seu delegado, o cônego Melo. Temos relações directas. D. Francisco, o arcebispo, combina tudo com ele. E ele fornece-nos o dinheiro.»

«Qual acham mais importante: o Arcebispo ou o cônego Melo?»

Teixeira: «Melo. Em Braga, só Melo. E de certeza um dos homens mais importantes para

Portugal. O arcebispo não decidiu nada sem ele.»

Dois dias mais tarde. Encontro com o chefe do MDLP do Norte, em casa de Teixeira, numa casa nova, na Póvoa do Varzim. Rua Casa dos Poveiros do Rio, 657.

Um dos mais importantes elementos dos Comandos (chama-se Duarte, como se apuro mais tarde), é o conspirador. A princípio desconfiado e cuidadoso. No decorrer da conversa vem à baila que os chefes do MDLP planeiam, através dum grande e estudado golpe, logo após as eleições, em Maio ou em Junho, tornar Portugal numa ditadura da direita. Para isso, terão de ser liquidados os activistas da esquerda.

O «whisky» é oferecido em abundância, e a animação para a bebida aumenta. Depois deste encontro, estou totalmente arrombado — o fingimento e a tensão nervosa constantes. O ter que participar em risos alegres, sempre que se fazia um brinde à «liquidação» dos inimigos «políticos», pós-me de rastos.

Na tarde seguinte, dá-se um novo encontro, no mesmo local, o bar do «Ver-o-mar». Entretanto, tinham estabelecido contacto com a central em Madrid. E lá que se encontra o comandante Alpoim Calvão, representante directo do «general Walter».

Duarte: «Até que ponto pode a sua organização comprometer-se?»

Respondo: «Isto só depende do que ainda for necessário e daquilo de que posso dispor.»

Duarte: «Muitos dos nossos companheiros estão em pé de guerra, outros mantêm-se ainda nos seus empregos, mas prontos a ser chamados, no primeiro momento. Planeamos na primeira fase, armar 10 mil homens e nomeadamente homens com experiência de guerra, qualificados e dos quais muitos são ex-oficiais e ex-membros do Estado-Maior, mas ainda outros que estão no activo.»

«Quando começarão as operações no Sul?»

Teixeira: «Tem de perguntar ao Chefe.»

«O arcebispo também vos apoia financeiramente?»

Teixeira: «Sim através do seu delegado, o cônego Melo. Temos relações directas. D. Francisco, o arcebispo, combina tudo com ele. E ele fornece-nos o dinheiro.»

«Qual acham mais importante: o Arcebispo ou o cônego Melo?»

Teixeira: «Melo. Em Braga, só Melo. E de certeza um dos homens mais importantes para

Portugal. O arcebispo não decidiu nada sem ele.»

Dois dias mais tarde. Encontro com o chefe do MDLP do Norte, em casa de Teixeira, numa casa nova, na Póvoa do Varzim. Rua Casa dos Poveiros do Rio, 657.

Um dos mais importantes elementos dos Comandos (chama-se Duarte, como se apuro mais tarde), é o conspirador. A princípio desconfiado e cuidadoso. No decorrer da conversa vem à baila que os chefes do MDLP planeiam, através dum grande e estudado golpe, logo após as eleições, em Maio ou em Junho, tornar Portugal numa ditadura da direita. Para isso, terão de ser liquidados os activistas da esquerda.

O «whisky» é oferecido em abundância, e a animação para a bebida aumenta. Depois deste encontro, estou totalmente arrombado — o fingimento e a tensão nervosa constantes. O ter que participar em risos alegres, sempre que se fazia um brinde à «liquidação» dos inimigos «políticos», pós-me de rastos.

Na tarde seguinte, dá-se um novo encontro, no mesmo local, o bar do «Ver-o-mar». Entretanto, tinham estabelecido contacto com a central em Madrid. E lá que se encontra o comandante Alpoim Calvão, representante directo do «general Walter».

Duarte: «Até que ponto pode a sua organização comprometer-se?»

Respondo: «Isto só depende do que ainda for necessário e daquilo de que posso dispor.»

Duarte: «Muitos dos nossos companheiros estão em pé de guerra, outros mantêm-se ainda nos seus empregos, mas prontos a ser chamados, no primeiro momento. Planeamos na primeira fase, armar 10 mil homens e nomeadamente homens com experiência de guerra, qualificados e dos quais muitos são ex-oficiais e ex-membros do Estado-Maior, mas ainda outros que estão no activo.»

«Quando começarão as operações no Sul?»

Teixeira: «Tem de perguntar ao Chefe.»

## As armas «necessárias»

### 1. Ar

## Spínola expulso da Suíça e polémica em Portugal

A publicação na «STERN», revista alemã de grande expansão (tiragem: 1 892 076 exemplares) de uma extensa reportagem sobre as actividades do ex-general António de Spínola e do M. D. L. P., que «O Jornal» publica, neste número, na sua versão integral, em exclusivo para Portugal, está a suscitar uma celeuma involuntária em todo o mundo.

A principal consequência até agora conhecida foi a ordem, emitida ontem, quinta-feira, à tarde, pelo Governo suíço no sentido do ex-general do Exército português abandonar aquele País.

O comunicado declara que Spínola não respeitou as condições estipuladas pelas autoridades helvéticas para a sua permanência. Quando António de Spínola chegou à Suíça, em 7 de Fevereiro, comprometeu-se a abster-se de toda a actividade política. «Porém — prossegue o COMUNICADO — as investigações demonstraram que o ex-general Spínola dirigiu, actividades a favor do M. D. L. P.

Com Spínola, foi também expulso o seu secretário, Luís Oliveira Dias, um dos dois ajudantes que, segundo a «STERN», o acompanharam a Dusseldorf.

### Dúvidas e certezas

Também nos círculos políticos nacionais a revelação de algumas passagens da referida reportagem causou acesa polémica. Nalguns meios, põe-se em dúvida a própria veracidade de aspectos do relato do jornalista alemão Guenther Walraff.

Uma alta individualidade militar, interrogada por «O Jornal», declarou-se convencida de que a reportagem da «STERN» visa, sobretudo, acentuar a desestabilização do período pré-eleitoral. Acrescentou que, na sua perspectiva, é visível o «aproveitamento» que o Partido Comunista poderá fazer do facto. A mesma individualidade adiantou que os serviços de informação militar dispõem de inúmeros dados, que lhes permitem integrar esta entrevista num vasto programa de actividades que essas forças pretendiam desenvolver durante este período.

Tem despertado especial atenção a revelação do facto do director do «Avante», Dias Lourenço, que pertence também ao Comité Central do P. C. P., ter estado presente, em Bona, numa conferência de Imprensa, dada pelo autor do trabalho.

Segundo o vespertino «A Luta», Guenther Walraff está «notoriamente ligado aos meios comunistas internacionais», apesar de ter publicado a sua reportagem numa revista ligada ao capital financeiro alemão.

Entretanto, em contacto com fontes afectas à revista «STERN», «O Jornal» apurou que a Redacção daquele semanário não tem dúvidas acerca da veracidade do relato de Walraff, para tanto se baseando no conhecimento de gravações reproduzindo as conversações referidas pelo jornalista. Aliás, o dr. Meyer-Clason, director do Instituto Alemão de Lisboa (Alemanha Ocidental), considera «muito importante» a obra de Walraff no campo da reportagem literária, colocando-o entre os escritores mais populares da República Federal da Alemanha. Quanto à «STERN», tornou-se especialmente conhecida em Portugal, tanto quanto o permite a reduzida difusão da língua alemã no nosso país, depois da publicação de uma extensa reportagem sobre o escândalo dos «Ballets Rose», que punha em causa diversas personalidades do regime fascista.

### Repúdio de Pires Veloso

Acerca da afirmação, proferida na reportagem, por um tal «capitão Duarte», do M. D. L. P., de que os chefes dos Estados-Maiors do Exército e da Força Aérea, Ramalho Eanes e Moraes da Silva e, também, o comandante da Região Militar do Norte, brigadeiro Pires Veloso, são homens da confiança de Spínola, entrámos em contacto com os gabinetes dos três oficiais-generais.

Pires Veloso afirmou: «Repúdio inteiramente qualquer insinuação que pretenda referir qualquer atitude que seja contrária aos princípios da democracia».

O general Moraes da Silva, porém, encontra-se no estrangeiro, pelo que não foi possível obter qualquer comentário da sua parte.

Em contacto com uma fonte afectada ao M. D. L. P. foi-nos desmentido que aquela organização alguma vez tenha convocado alguém para uma reunião, em Dusseldorf, ou em Madrid, ao contrário do que afirma Guenther Walraff. Nega, também, o M. D. L. P. ter conhecimento de quaisquer contactos havidos entre elementos no Norte do País e o jornalista alemão.

Salientando que o único objectivo da visita de Spínola a Dusseldorf era o de se encontrar com Franz Joseph Strauss que ainda recentemente esteve no Encontro do C. D. S., o nosso informador admite a possibilidade de o ex-general, ou os seus dois acompanhantes, terem falado informalmente com pessoas que assumiram falsa identidade. Afirma julgar, porém, que, quaisquer que tenham sido as palavras de Spínola, elas foram necessariamente distorcidas, ou «retiradas do seu devido contexto», uma vez que «o velho é um puro, mas não é estúpido».

partido... Assim, por exemplo, contamos com três membros do Conselho da Revolução, que estão firmemente do nosso lado.»

Depois nomeia Moraes da Silva, o Chefe do Estado-Maior da Força Aérea, Pires Veloso, o Comandante da Região Militar do Norte e o general Ramalho Eanes.

Para próximo encontro, fixámos o dia 25 de Março, no Hotel Liaberny, de Madrid, para falarmos com os chefes do MDLP. Demos um número de telefone de Munique como ponto de contacto e «cortixa» como código para as armas.

Em 22 de Março, às 16 e 45, o telefone de Munique soou: era uma chamada de Genebra. Falava um certo «Luís». Falava em nome do «general Walter». Gostavam muito de se avistar com as pessoas com quem estava combinado encontrarem-se em Madrid. Tratava-se de exportação de cortiça. Chamada de Munique para Genebra, uma hora depois. De novo o «Luís». Desta vez é mais claro. E ele o secretário do ex-general Spínola que está junto dele. Como ponto de encontro, escolhe-se Dusseldorf.

Quarta-feira, 24 de Março, às 15 e 30, no bar do Park Hotel. Dois homens trajando elegantemente, José Vale de Figueiredo, aparentando 35 anos, e dr. Luís Oliveira Dias, cerca de 44 anos. Saltamos, de harmonia com o nosso papel de um Porsche preto (emprestado) do último modelo.

Recebi-os dizendo: «Desculpem o que houve de improvisado na nossa organização pois estávamos preparados para chegar amanhã a Madrid. Sou o ajudante do Presidente de quem tenho plenos poderes até à sua chegada de Munique. Ficou a tratar lá do nosso problema financeiro».

Luís e José mostram os seus cartões de identidade de representantes do ex-general Spínola Trouxeram com eles o passaporte brasileiro do ex-presidente a fim de provarem a autenticidade da sua assinatura. Quando Spínola foi para o Brasil, os brasileiros deram-lhe um segundo passaporte. Este autoriza Spínola a deslocar-se para toda a parte e para o estrangeiro quantas vezes queira. Só a entrada em Portugal lhe é vedada. Luís exhibe o passaporte e

diz-me: «O nosso presidente, desde que as conversações o exijam, está pronto a deslocar-se aqui, ou, então, a recebê-los em Genebra. Quando quiserem e como quiserem».

Walraff (W): «Dadas as somas de que se trata isso seria evidentemente muito importante. A questão a pôr primeiro é, todavia, a da segurança do general».

Luís: «Se tivermos de correr riscos não hesitamos. Se um encontro deve ou não ter lugar com o general isso é uma decisão vossa».

Saio da sala, dizendo ter de telefonar ao presidente da nossa organização. Volto dez minutos depois e digo: «O nosso chefe pede que compreendam que, dado o alcance político do tema e a envergadura financeira do assunto, considera da maior importância negociar pessoalmente com o general. Poderá ser em Dusseldorf?»

Luís: «Sem dúvida nenhuma»

W.: «Ele poderá vir amanhã?»

Luís: «Quando quiser.»

W.: «Amanhã, falaremos então detalhadamente com o general».

No dia seguinte, quinta-feira, 25 de Março o ex-presidente da República e actual chefe do MDLP, António de Spínola aterrará às 12 e 45 no aeroporto de Dusseldorf vindo de Genebra, via Zurique.

Como se pode encontrar um «Presidente» que esteja disposto a apresentar-se diante do ex-Presidente de Portugal? Na noite anterior, estou ao telefone três horas. Tento convencer um padre, um editor, um advogado; um médico e um deputado federal. Em vão: todos concordam que é necessário tomar a responsabilidade e encenar esta farsa. Todos têm, porém, compromissos inadiáveis. Nenhum tem, evidentemente, a coragem de entrar neste jogo audaz. Posso, no entanto, afirmar, com base na minha experiência na representação de papéis, que é cem vezes mais simples o papel de um presidente misterioso do que o de um operário fabril.

### O encontro com «W»

Continuo a tentar, na manhã seguinte. Mas, claro que não encontro ninguém que aceite o papel de presidente. Portanto, não há presidente. É com atraso que nos dirigimos para o aeroporto



O «general Walter», aliás Spínola, acompanhado de Guenther Walraff e pela dr.ª Hella Schlumberger, no aeroporto de Dusseldorf. A fotografia da STERN não deixa dúvida: o jornalista alemão e sua testemunha estiveram, pelo menos, próximos do ex-presidente

de Dusseldorf no «Mercedes» do meu advogado, dr. Meinecke. O dr. Meinecke, homem do FDP (Partido Federal Alemão), prestou-se a presenciar o encontro como testemunha neutral. No aeroporto, deparamos com Luís e José, que conversavam com um homem de idade, de óculos escuros. Está também presente uma senhora jovem, sem dúvida a sobrinha de Spínola, sem a qual o general não viaja. Dirigimo-nos ao grupo e cumprimentamo-nos. Chegamos ao elegante restaurante «Scjnelenbürg», esperam-nos, no «Salão Reno» um ramo de primaveras e um aperitivo, como se impunha.

Advogado Meinecke: «General, saúdo-o em nome dos homens e das organizações interessados na manutenção do direito e da ordem na Europa».

Spínola trocou, entretanto, os óculos de sol pelo monóculo. «Agradeço calorosamente este amigável acolhimento. É a minha primeira visita à Dusseldorf depois da Segunda Grande Guerra. E eu venho com uma grande esperança. A Alemanha tem uma grande tarefa, no que diz respeito à Europa. Sempre fui de opinião que as forças da Europa se devem preparar para reagirem à invasão soviética. E a Alemanha reúne as melhores

condições para ser o iniciador desta aliança ocidental».

Walraff.: «Agradecemos, senhor general essas palavras encorajadoras. Como pode compreender, senhor general, conservamos o círculo o mais fechado possível por razões de segurança. Se amanhã tivesse mais tempo, poderíamos arranjar alguns encontros com políticos alemães que tivesse interesse em contactar»

Spínola (S): «Regresso ainda hoje?»

Luís e José (ao mesmo tempo): «Infelizmente sim, meu general».

W.: «Quando é que podemos contar com a sua ida para Portugal?»

S.: «Quando estiver, de novo, politicamente livre. De maneira nenhuma antes das eleições» (chega a carne de veado assada)

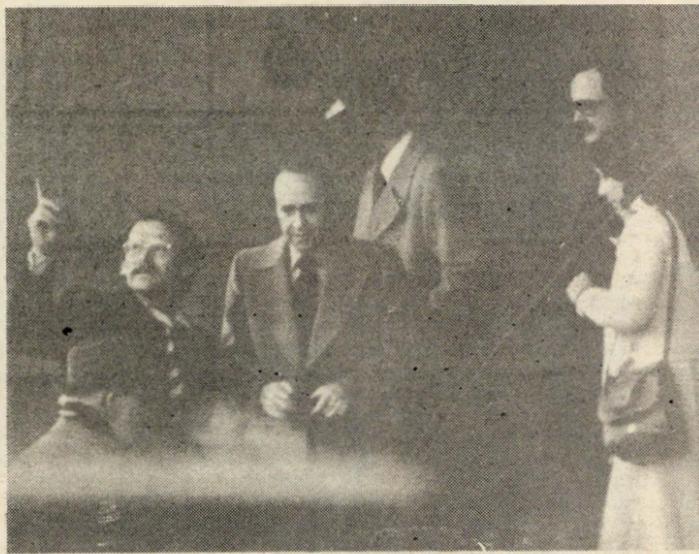
W.: «General, vê alguma possibilidade de devolver, dentro de pouco tempo, as terras roubadas aos respectivos donos?»

S.: «A data depende em parte deles próprios»

Luís: «A última vez que o general esteve em Dusseldorf, foi durante a guerra como observador do exército alemão.»

S.: «Isso foi no ano em que Leninegrado caiu, ou seja, em 1939».

## Os ajudantes de Spínola



Apontando com o dedo, Walraff mostra ao ajudante de Spínola, dr. Luís Oliveira Dias, um pormenor das belezas de Dusseldorf. O segundo ajudante do ex-general, José Vale de Figueiredo, antigo dirigente do interdito Partido do Progresso e activo militante de organizações nazi-fascistas, acompanha delicadamente a companheira de Walraff, Hella Schlumberger, à saída do Hotelpark. A direita: a credencial assinada por Spínola, que identificou os negociadores do MDLP junto dos supostos colaboradores alemães. Walraff afirma ter descoberto o número da conta secreta de Spínola na Suíça: «Credit Suisse Place Bel Air 755 313 Genebra».



Luis: «Hoje chama-se Estalinegrado. Portanto, foi em 1942».

S.: «Não foi em 1940 e em Leninegrado. Tenho uma fotografia dessa altura, onde estão também dois oficiais alemães; eu com um uniforme alemão com uma cruz de ferro».

Queda de Leninegrado? 1939? Estalinegrado? De que está a falar o general, interrogo-me a mim mesmo. Será verdade que ele já está um pouco «gagá», como me disseram, uma vez, em Portugal? Será ele apenas a figura decorativa da extrema-direita? Pergunto-lhe: «Como aconteceu ter V.Ex.<sup>a</sup> surgido como defensor de uma revolução socialista?»

S.: «Talvez não acredite mas eu só soube que a revolução estava planeada duas semanas antes do 25 de Abril. Eles queriam convencer-me de que eu era necessário para a salvação do país e apresentaram-me um programa do Movimento. Disse-lhes que só aderiria se eles estivessem a pensar num tipo de Estado segundo o modelo ocidental. Convoquei, então, um conselho de família (1) a quem pus a pergunta se deveria participar nesta revolução»

Sobrinha do general: «São agora vinte para as quatro. Não vamos descansar?»

Luis (voltando-se para mim): «Se o vosso presidente vem às quatro, talvez tenhamos que interromper, agora».

Respondi: «Não há motivos para pressa. Quando o nosso presidente vier, ele terá tempo»

«... o papel determinante na Europa para a Alemanha»

(Uma última tentativa para encontrar um presidente. Consegui encontrar no seu escritório um velho conhecido o sr. B., empregado de uma editora. Suplique-lhe: «Tem de me ajudar, Estou prestes a terminar umas investigações de grande envergadura e falta apenas uma última prova». Instruiu-me sobre as ligações e, finalmente, animei-o: O que é um presidente precisa saber além de olhar com um ar importante e saber dizer «sim ou «não» nos momentos importantes?» B. está preparado).

Regressado ao «Salão Reno» comecei por dizer: «Tal como o vosso general, também o nosso presidente se decidiu a correr todos os riscos. Apesar de todas as dificuldades, estará aqui dentro de meia hora.»

Por volta das 17 e 30 aparece o presidente. Os dois «presidentes» cumprimentam-se cordialmente. No discurso de boas-vindas, o general abordou o seu tema preferido.

S.: «Nesta fase crítica da abdicção do Ocidente terá de se fazer a união das forças que estão prontas a reagir, para salvar a Europa. Tenho seguido de perto o desenrolar da situação, nos últimos anos, e cheguei à conclusão de que a aliança americana não tem nada a ver com a Europa. A única força a opor-se à expansão soviética podia ser uma força europeia. E já há alguns anos que estou firmemente convencido de que cabe à Alemanha desempenhar o principal papel na Europa. Por isso não me admira absolutamente nada deste nosso encontro. Nesta fase crítica, temos de nos manter unidos, para salvarmos a Europa».

Presidente (P.): «Quero agradecer a V. Ex.<sup>a</sup> a exposição que fez. Eu partilho inteiramente das intenções que movem V.Ex.<sup>a</sup>. Não há dúvida nenhuma de que a situação portuguesa é muito mais complicada do que se apresenta do exterior. Quanto mais uma pessoa se embrenha

num assunto, mais complicado se torna. Mas nós permanecemos firmes».

W.: Agora, é só o problema do «placet» definitivo quanto à concordância entre o general e o nosso presidente. Estamos inteiramente dispostos a ir ao encontro dos vossos desejos e faremos tudo o que está ao nosso alcance para os realizar».

P.: «Pelo menos no que diz respeito aos princípios básicos, já estamos de acordo sobretudo, V. Ex.<sup>a</sup> convenceu-me de que é absolutamente necessário não esperarmos mais, para, antes de mais, salvarmos Portugal».

S.: «Aquilo que V. tem estado a tratar com os meus dois colaboradores, tem o meu apoio antecipado. Discutimos já isso, durante meses, e eu estou de acordo com o que vocês dizem e fazem. Estou à vossa inteira disposição, não só para responder a outras perguntas, como para ouvir quaisquer críticas. Gostaria, ainda, de considerar um outro aspecto. Com efeito, parece-me impossível que de uma revolução com raízes comunistas alguma vez possa surgir um Estado democrático. A revolução comunista tem, um dia, de ser acabada à força», e com dois dedos imita os movimentos de uma tesoura) «Acerca desta situação, põe-se-me a pergunta: como deverá salvar-se Portugal? E a este respeito quero lembrar que, acima de tudo, não se pode perder de vista o contexto internacional»

P.: «V. Ex.<sup>a</sup> quer dizer que não se trata apenas de um problema para Portugal?»

S.: «Exactamente. E, por isso, estou contente por nos podermos encontrar aqui hoje. Mas, V. deve compreender, por agora o nosso problema é Portugal e não temos muito tempo a perder. Infelizmente, agora já não podemos contar com a Espanha»

W.: «os meus homens entregaram-nos a lista das armas necessárias. Faremos todos os possíveis. Por que via deverão ser transportadas as armas?»

S.: «Ou por via marítima, com desembarque no Algarve — e aqui a minha gente encontrou já uma solução para o problema — ou, então directamente, através do alto-comando das Forças Armadas portuguesas.»

W.: «Mas o capitão Duarte propôs-nos que as armas deveriam ser expedidas pelo Norte»

S.: (irritado): «Evidentemente, também pode ser pelo Norte, mas no Sul eu estou mais à vontade. É possível das duas maneiras. A outra possibilidade seria um transporte por via aérea, que é controlada pelo exército português. Isto seria oficial para as Forças Armadas Portuguesas ou para a Guarda Nacional Republicana, e então teríamos tudo pronto» (solta uma gargalhada)

W.: «Os seus amigos no Norte falam em mandar descarregar as armas junto à costa portuguesa de um barco para uma embarcação de pesca».

S.: «Era exactamente isso que eu tinha pensado fazer no Algarve. Infelizmente, neste desgraçado momento, não podemos contar com a Espanha. A situação na Espanha está até ainda mais complicada que em Portugal. Mas graças, a Deus os nossos homens já não são nenhuns novatos, já prestaram algumas provas. O nosso inimigo principal — nós somos os únicos que o combatemos ofensivamente — é o Partido Comunista. Infelizmente, o número de unidades militares que já estão inteiramente disciplinadas e fortemente organizadas contra o comunismo é ainda pequeno».

W.: «Mas os «Comandos»...»

S.: «Sim, sim, aí está tudo em ordem. A missão do MDLP é o extermínio total dos comunistas em Portugal; não aceito quaisquer hipóteses de um governo democrático, enquanto os comunistas forem tolerados no Governo. Neste aspecto, vamos

mais longe do que outros Estados da Europa».

O advogado, dr. Meinecke, interveio, pela primeira vez, na conversa: «Para esse efeito, dispomos nós, de momento, de enormes forças que trabalham para proibir o Partido Comunista».

«Os socialistas são apenas comunistas encapotados»

S.: «Proibir? Mas isso é o menos, e não se trata apenas dos comunistas, acontece exactamente o mesmo com os socialistas. Neste momento, a nível europeu, os partidos socialistas e sociais-democratas não representam um perigo menor que os comunistas. Muitos so-

ciais-democratas, os socialistas em qualquer dos casos, são apenas comunistas encapotados».

P.: «E como é que se pode acabar com estes socialistas, sr. general?»

S.: «Claro que isso depende dos meios de que se dispõe»

M.: «De que maneira pode o CDS, como partido oficial, apoiar o MDLP?»

S.: Ah, sim, há muitas ligações entre o CDS e o MDLP... No que diz respeito a comunicados oficiais, claro que nenhum partido se arrisca a confessar as suas ligações. Eles reconhecem os nossos objectivos, em segredo, mas publicamente, têm medo de se comprometer e, por isso, mentem. Mas, talvez, de momento, não possam dizer a verdade. De resto, no Sul, a nossa organização está um pouco melhor do que no

«Norte, cujas armas estão destinadas para o Sul.»

P.: «Isso vai ao encontro daquilo que eu suponho e tenho muito gosto em ouvir agora a confirmação».

S.: «Já ouviu falar da organização dos pequenos e médios e agricultores? Sabe o que significam Rio Maior e Coruche?» (O anfitrião alemão acena com a cabeça) «Então não é necessário estar a perder tempo com isso. No Sul, temos ainda algumas coisas «in petto».

P. para W.: (em voz baixa): «Eu agora, tenho mesmo de ir-me embora, pois tenho um encontro muito importante»

P.: «Para terminar, queria pedir-lhe que fizesse o mesmo que eu faço, ou seja confiar aos nossos colaboradores a elaboração dos detalhes concretos...»

W. (em voz baixa para P.):

«Sabe que o general o convidou para ir a Genebra?»

P. (em voz baixa): «Não. Mas a sério?»

P. (em voz alta): «Aceitarei com todo o gosto o convite de V.Ex.<sup>a</sup>»

S.: «Ainda bem que já existem as nossas duas organizações, depois é só necessário coordená-las. Mas a toda a pressa».

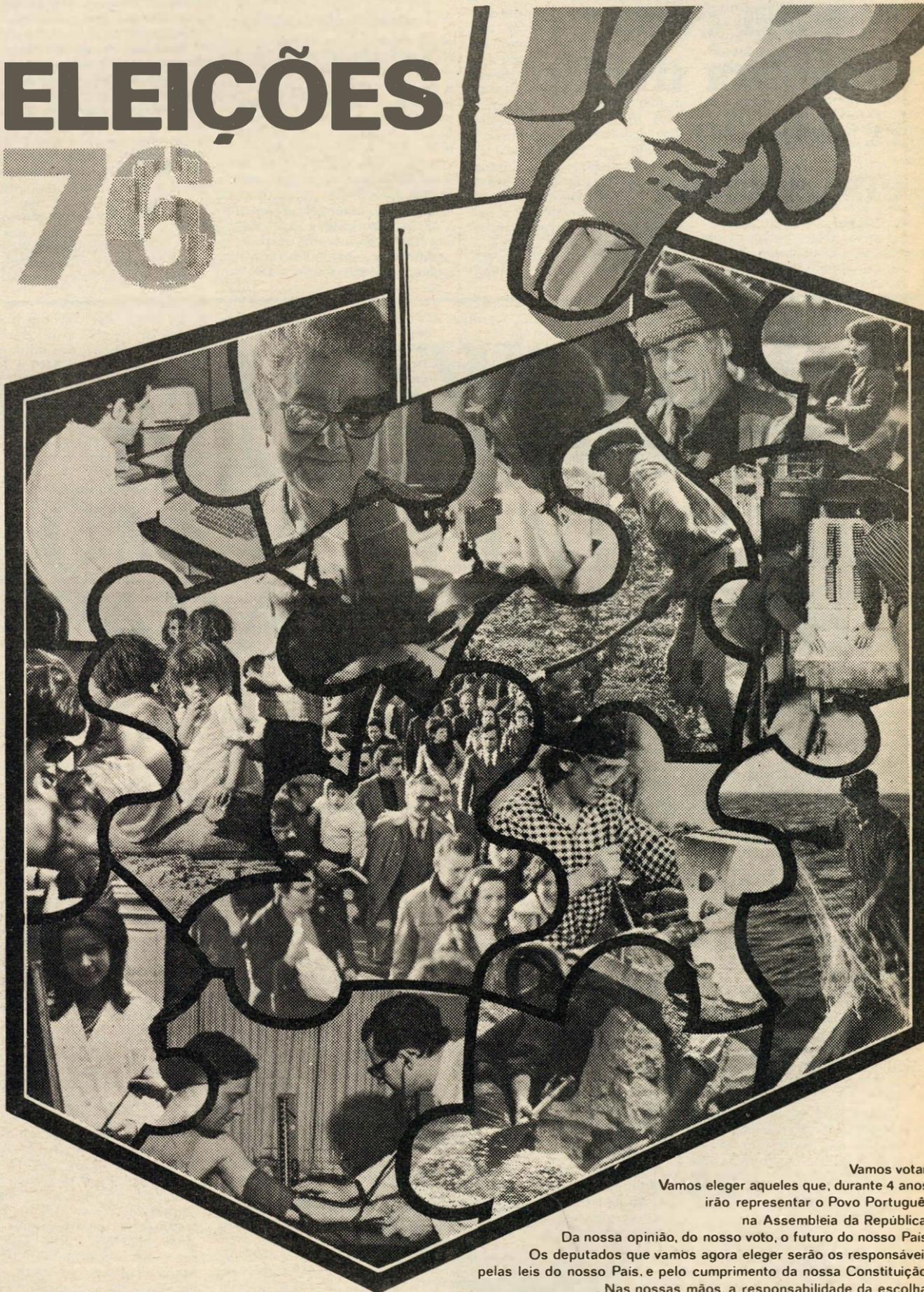
Fala-se em pressa. Luis e José estão com pressa. Dentro de 40 minutos, isto é às 20 e 05 o avião parte. Spínola quase nem se mexe, continua a falar em dados e números dos sistemas de armas.

Finalmente, os dois despedem-se, muito cordialmente.

Luis: «Um bom homem, o vosso presidente»

W.: «Ah, sim, ele dá-nos toda a liberdade»

# ELEIÇÕES 76



Vamos votar.  
Vamos eleger aqueles que, durante 4 anos,  
irão representar o Povo Português  
na Assembleia da República.

Da nossa opinião, do nosso voto, o futuro do nosso País.  
Os deputados que vamos agora eleger serão os responsáveis  
pelas leis do nosso País, e pelo cumprimento da nossa Constituição.  
Nas nossas mãos, a responsabilidade da escolha.

## O TEU VOTO É A TUA VONTADE

COMISSÃO NACIONAL DAS ELEIÇÕES